
AMORIS LAETITIA
EM QUESTÃO

Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais

Leonardo Agostini Fernandes
(org.)

AMORIS LAETITIA EM QUESTÃO

Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amoris Laetitia em questão : aspectos bíblicos, teológicos e pastorais / Leonardo Agostini Fernandes (org.). -- São Paulo : Paulinas, 2018. -- (Coleção fronteiras)

ISBN 978-85-356-4378-7

1. Casamento - Aspectos religiosos 2. Família - Aspectos religiosos
3. Família - Vida religiosa - Documentos papais 4. Reflexões I. Fernandes, Leonardo Agostini. II. Série.

18-13373

CDD-248.844

Índice para catálogo sistemático:

1. Reflexões sobre matrimônio e família : Vida cristã 248.844

1ª edição – 2018

PAULINAS

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Conselho editorial: *Dr. Antonio Francisco Lelo*
Dr. João Décio Passos
Maria Goretti de Oliveira
Dr. Matthias Grenzer
Dra. Vera Ivanise Bombonato

Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato*
João Décio Passos

Copidesque: *Mônica Elaine G. S. da Costa*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Gerente de produção: *Felício Calegari Neto*

Projeto gráfico: *Jéssica Diniz Souza*

Diagramação: *Tiago Filu*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2018

SUMÁRIO

Prefácio	7
CARDEAL ORANI JOÃO TEMPESTA	
Apresentação.....	11
LEONARDO AGOSTINI FERNANDES	

PARTE BÍBLICA

O Salmo 128 e a Alegria do Amor	17
LEONARDO AGOSTINI FERNANDES	
Dimensões do amor em família na <i>Amoris laetitia</i> à luz do discipulado e da missão segundo o Evangelho de São Marcos	33
GONZALO ARTURO BRAVO ALVAREZ	
A <i>via caritatis</i> como incansável prática do bem (<i>AL</i> 306 [Gl 5,14] e <i>AL</i> 104 [Gl 6,9]).....	47
WALDECIR GONZAGA	

PARTE SISTEMÁTICO-PASTORAL

Diante do ensinamento da exortação apostólica <i>Amoris laetitia</i> : magistério a ser acolhido e posto em prática.....	71
SALVADOR PIÉ-NINOT	
A Alegria do Amor e a maioria cristã.....	77
MARIO DE FRANÇA MIRANDA	
Edificar o matrimônio no amor: a mudança de paradigma teológico de <i>Amoris laetitia</i>	87
LEANDRO LUIS BEDIN FONTANA	

Matrimônio, viuvez e virgindade Desafios e pistas para a eclesiologia	97
ANDRÉ LUIZ RODRIGUES DA SILVA	
Teologia e pastoral na <i>Amoris laetitia</i>	109
GERALDO LUIZ DE MORI	
Aspectos pastorais das famílias.....	131
LUIZ ALENCAR LIBÓRIO	
A dimensão comunitária da <i>Amoris laetitia</i>	143
DRANCE ELIAS DA SILVA	
Posfácio	153
MARIA TERESA DE FREITAS CARDOSO	
Sobre os autores	157

PREFÁCIO

A Exortação pós-sinodal do Papa Francisco sobre o amor na Família, *Amoris Lætitia* (“Alegria do Amor”), é, sem sombra de dúvida, um documento de grande envergadura, e chegou num momento oportuno e desafiador. Vem para ajudar a Igreja a perceber o porquê de a família estar no centro das discussões em diversos setores da sociedade. Além disso, ajuda a compreender por que tudo o que acontece de positivo ou de negativo com a família se torna determinante para o futuro da humanidade e do mundo. Pode-se dizer, parafraseando *Gaudium et Spes* n. 1, que as tristezas e as angústias, as alegrias e as esperanças da família são as tristezas e as angústias, as alegrias e as esperanças da Igreja. Então, não é casual a frase de abertura da Exortação: “A Alegria do Amor que se vive nas famílias é também o júbilo da Igreja”. Compreende-se, logo de início, que a Igreja está a serviço do ser humano e, como tal, tem a missão de ajudá-lo a desenvolver a capacidade de amar.

Amoris Lætitia exalta e entoa um hino à beleza do amor, bem como atesta o realismo com que esse amor deve ser proposto, buscado e vivido pelo ser humano, de modo particular em família. Esse realismo transparece ao longo de toda a Exortação, que segue uma metodologia singular, evidente na síntese que o Papa Francisco faz sobre o seu conteúdo (n. 6):

No desenvolvimento do texto, começarei por uma abertura inspirada na Sagrada Escritura, que lhe dê o tom adequado. A partir disso, considerarei a situação atual das famílias, para manter os pés no chão. Depois lembrarei alguns elementos essenciais da doutrina da Igreja sobre o matrimônio e a família, seguindo-se os dois capítulos centrais, dedicados ao amor. Em seguida destacarei alguns caminhos pastorais que nos levem a construir famílias sólidas e fecundas segundo o plano de Deus, e dedicarei um capítulo à educação dos filhos. Depois deter-me-ei em um convite à misericórdia e ao discernimento pastoral perante situações que não correspondem plenamente ao que o Senhor nos propõe; e, finalmente, traçarei breves linhas de espiritualidade familiar.

O olhar atento para a realidade da família revela a presença e os apelos do Espírito Santo. A escuta dessa realidade possibilita perceber e compreender que o Espírito Santo guia a Igreja, soprando onde quer, em particular por uma teologia que reafirme a vocação da família em conformidade com a Boa-Nova de Jesus Cristo, que veio para manifestar

a verdade e a misericórdia de Deus Pai para toda a família humana. Seu ensinamento não é uma realidade a ser imposta, mas a afirmação de que o ser humano se realiza à medida que o amor fecunda e toma conta da relação conjugal e familiar. Assim, a família, sua situação atual e seus desafios são tratados com grande realismo. É o meio concreto para derrubar a ilusão das ideologias e reafirmar a prioridade irrevogável da busca e da promoção do bem da família, sem os quais não haverá futuro para o mundo e para a Igreja.

Esta é a razão pela qual a Exortação, tanto pela forma como pelo conteúdo, encontra-se articulada para evidenciar a realidade matrimonial e familiar como um bem em si e que não exclui as dificuldades, as fragilidades e as imperfeições. Por isso, a Exortação revela a seriedade e a profundidade com que os Padres sinodais e os peritos convocados tomaram parte nos trabalhos que foram desenvolvidos durante os sínodos de 2014 e 2015. Esta constatação já é um suficiente apelo para que esse documento, com grande carinho e abertura, seja acolhido, lido, promovido e estudado por toda a Igreja e, no mundo, pelas pessoas de boa vontade.

Uma resposta à altura desse premente apelo encontra-se no presente livro: *Amoris Lætitia em questão*: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. Trabalho realizado com seriedade e que elucida algumas das principais riquezas contidas nessa Exortação Apostólica. Os autores são teólogos das áreas bíblica e sistemática, e pertencem a importantes centros acadêmicos do Brasil e do exterior, atentos em produzir conhecimentos teológicos encarnados e capazes de tratar os temas com competência, auxiliando, como é específico da vocação do teólogo, a amadurecer o juízo da Igreja, para que a sua ação seja sempre transformada em Jesus Cristo. É como afirma o Papa Francisco, sobre a importância da família e do matrimônio, no n. 2 da Exortação: “A reflexão dos pastores e teólogos, se for fiel à Igreja, honesta, realista e criativa, ajudar-nos-á a alcançar uma maior clareza”.

No livro, percebe-se o particular toque de espiritualidade que fecundou, animou, fascinou e orientou cada um dos autores. O mergulho que deram na Exortação permitiu que adentrassem com propriedade no conhecimento da verdade sobre o amor no matrimônio e na família, centrado em Jesus Cristo e no seu mandamento: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 15,12).

A família, acompanhada pela Igreja e apoiada na Sagrada Escritura, aprende a assumir, com responsabilidade, a vontade de Deus; aprende

a compreender as fraquezas e as fragilidades de seus membros. Como Igreja doméstica em saída, a família aprende a percorrer, sem medo, um caminho de maturidade da fé e do amor, superando toda sorte de desequilíbrios aos quais está exposta. Assim, a família redescobre-se, na certeza de poder experimentar e de poder oferecer, com Cristo, por Cristo e em Cristo, na força do Espírito Santo, a ternura, a bondade e a misericórdia de Deus. Esta é a lógica da misericórdia pastoral!

Que as reflexões propostas neste livro ajudem aos que consagram seus esforços e trabalhos pelo bem da família; penso nos agentes das várias pastorais, em particular as que trabalham diretamente com as famílias, para que, firmes nos seus propósitos a serviço da Boa-Nova de Jesus Cristo, testemunhem, por palavras e ações, a força transformadora do amor encarnado: a família, que foi, é e continuará sendo dom de Deus e esperança renovada e renovadora de toda a humanidade.

Cardeal Orani João Tempesta, O. Cist.
Arcebispo de São Sebastião do Rio de Janeiro
Grão-chanceler da PUC-Rio

APRESENTAÇÃO

A Exortação Apostólica *Amoris Lætitia*, de 19 de março de 2016, é o precioso resultado de dois sínodos sobre a família que foram convocados pelo Papa Francisco e aconteceram em outubro de 2014 e outubro de 2015, na cidade do Vaticano, em Roma, reunindo diversos Padres sinodais e muitos peritos sobre o sacramento do matrimônio e a família.

O texto está estruturado em nove capítulos e possui trezentos e vinte e cinco parágrafos. Esta extensão atesta a importância e a complexidade do tema: a alegria do amor em família. Um particular dessa Exortação é que suas fontes não estão pautadas apenas nos ensinamentos e documentos precedentes do magistério, mas também na abertura aos pronunciamentos de várias Conferências Episcopais e de diversos pensadores católicos e não católicos. Um olhar para as trezentas e noventa e uma notas seria suficiente para constatar essa afirmação. Assim, não resta dúvida de que a Exortação possui um viés dialogal, uma abertura fundamental que a Igreja deve assumir para poder se posicionar diante da globalização e dos desafios dos tempos atuais que submetem a família a duras e difíceis provas.

A Exortação se desenvolve à luz da Palavra de Deus, que “não se apresenta como uma sequência de teses abstratas, mas como uma companheira de viagem, mesmo para as famílias que estão em crise ou imersas em alguma tribulação, mostrando-lhes a meta do caminho...” (AL, n. 22). Assim, as perspectivas assumidas na Exortação evidenciam a força e a positividade do amor em família, sem as quais não se promove a unidade e os problemas, dificuldades, desafios e crises não conseguem ser enfrentados. Esta postura indica o caminho que precisa ser assumido e percorrido diante da atual mudança de época.

Amoris Lætitia adota uma linguagem em perspectiva dialógica, propositiva e inclusiva. A realidade da família é vista com realismo e otimismo, pois a consciência humana é o lugar do discernimento que contextualiza as ações na exigência da liberdade. A Exortação é um convite à consciência pessoal para que se desenvolva e concretize a efetiva adesão ao amor que fundamenta a lei da liberdade. Não existe matrimônio ideal, porque as pessoas não são ideais, mas reais e chamadas a viver a complexidade das relações. Juntas, podem escrever como família, dia após dia, a sua biografia de vida no amor. Disso resulta que a melhor

forma de se defender a família é ajudá-la a perceber, refletir, assimilar e tirar conclusões que permitam agir orientada para o bem comum, recuperando a confiança e a alegria do amor, como doação e entrega.

O presente livro, quarto da série Fronteiras, reflete sobre alguns aspectos da Exortação Apostólica subdivididos em duas partes, respectivamente parte bíblica e parte sistemático-pastoral. Cada contribuição, *de plena responsabilidade de seus autores*, procura mostrar como a Exortação Apostólica está atenta à família e aos desafios pelos quais está passando ou está continuamente exposta. É como o Papa Francisco diz, logo no início (n. 2): “O caminho sinodal permitiu analisar a situação das famílias no mundo atual, alargar a nossa perspectiva e reavivar a nossa consciência sobre a importância do matrimônio e da família”.

Três estudos compõem a parte bíblica do livro. No primeiro, *Leonardo Agostini* aprofunda o sentido do Sl 128[127], usado pelo Papa Francisco para abrir e guiar a Exortação, mostrando que nele se encontra uma proposta concreta de bênção e de felicidade para a família. No segundo, *Gonzalo Arturo* apresenta seis dimensões do discipulado, à luz do Evangelho segundo São Marcos, que fortalecem o amor em família, vinculado a Jesus Cristo e à sua Igreja. No terceiro, *Waldecir Gonzaga*, através de uma minuciosa estatística das citações bíblicas usadas na Exortação, analisa, com detalhes, dois textos paulinos, Gl 5,14 e 6,9, para demonstrar que a *via caritatis* é o elemento condutor do agir pastoral da Igreja e o caminho promotor do bem em família.

Sete estudos compõem a parte sistemático-pastoral do livro. No primeiro, *Salvador Pié-Ninot* fala sobre a recepção eclesial da Exortação, situando-a no âmbito do Magistério ordinário não definitivo, e, para fundamentar este particular, são evocados três princípios orientadores: a lei da gradualidade, a consciência e a necessidade do discernimento. No segundo, *França Miranda* centra a sua reflexão sobre a tensão entre a instituição e o indivíduo, ou ainda entre a norma e a consciência, e se desenvolve a partir de três temas: o institucional na Igreja, a ação do Espírito Santo e a maioria na vivência da fé cristã. No terceiro, *Leandro Luis* afirma que, de fato, a Exortação não mudou o conteúdo doutrinal ou a disciplina da Igreja, mas representa um novo paradigma pela forma como o sacramento do matrimônio deve ser ensinado e preparado para que se perceba o *status* da centralidade do amor conjugal neste sacramento. No quarto, *André Luiz* mostra a utilidade de se recuperar as interpretações eclesiológicas que alguns Padres da Igreja elaboraram sobre o matrimônio, a viuvez e a virgindade, para se evitar

uma comparação pautada em superioridade ou inferioridade da vida batismal. No quinto, *Geraldo De Mori* busca mostrar que a relação entre “doutrina” e “pastoral”, desde os tempos do Concílio Vaticano II, ainda é conflituosa, e como, pela Exortação, o Papa Francisco busca reapresentar a profunda relação existente entre vida e teologia, doutrina e pastoral. No sexto, *Luiz Alencar* recorda que são necessários conhecimento e reflexão mais aprofundados sobre a intrincada relação, no contexto do mundo atual marcado pelo secularismo, entre a dinâmica conjugal e a familiar, evidenciando a lógica da misericórdia pastoral como configuração ao ser e ao agir de Jesus Cristo. No sétimo, *Drance Elias* mostra a importância do resgate e da promoção da dimensão comunitária trazidas pela Exortação apostólica, ajudando os membros da família a se tornarem mais abertos e acolhedores em suas relações de reciprocidade.

Este rápido apanhado do conteúdo do presente livro mostra como o amor fecunda a vida familiar, estimula o cotidiano das relações interpessoais e gera a cultura do encontro que caracteriza a sua dimensão social e eclesial. As novas gerações, que crescem sob a força do amor, alargam e desenvolvem as suas experiências atentas à vontade de Deus e à verdadeira felicidade. A família e, nela, a força do amor não são apresentados neste livro como um ideal ou uma utopia, mas, seguindo de perto a inspiração da Exortação, como uma realidade complexa e rica de significados. Em cada uma das páginas deste livro se encontra um olhar aberto, positivo e desejoso de incentivar a leitura da Exortação como uma rica experiência de fé, esperança e caridade, virtudes que renovam a família na prática dos valores e, por ela, renova a Igreja e o mundo na unção do Espírito Santo, força divina da alegria do amor.

Leonardo Agostini Fernandes
Organizador

AMORIS LAETITIA EM QUESTÃO

PARTE BÍBLICA

O SALMO 128 E A ALEGRIA DO AMOR

Leonardo Agostini Fernandes

INTRODUÇÃO

Na exortação *Amoris Lætitia*, existem aproximadamente 270 citações bíblicas. Destas, 100 citações, bem subdivididas (cerca de 50 do AT e 50 do NT), encontram-se no capítulo I, intitulado: “À luz da Palavra” (*AL*, nn. 8-30), e 170 citações ocorrem nos demais capítulos.

Esta breve estatística permite dizer que as afirmações sobre o matrimônio e a família estão fundamentadas na Sagrada Escritura. A hermenêutica dos textos, porém, segue a lógica de ver tudo sob e com o olhar de Jesus Cristo (*AL*, n. 3), Palavra-Amor Encarnado e intérprete por excelência da Sagrada Escritura (por exemplo: Gn 1,27; 2,24 à luz de Mt 19,4 cf. *AL*, nn. 9.19). No debate sobre o divórcio (cf. Mt 19,1-9), Jesus Cristo “anunciou a mensagem relativa ao significado do matrimônio como plenitude da revelação que recupera o projeto originário de Deus” para o homem e a mulher, criados à sua imagem e semelhança (*AL*, n. 62).

O matrimônio e a família são realidades que pertencem à história da humanidade e são, por assim dizer, mais antigas que a revelação e a reflexão teológicas entregues ao povo da antiga e nova aliança (cf. Jr 31,31; Ez 11,19-20; Hb 8,6-13). A Igreja ensina que a aliança instituída no sangue de Jesus Cristo (cf. Hb 9,1.15-28; 12,22-24) redimensionou as estruturas sociais e a própria história da humanidade, dando novo sentido a tudo, em particular ao matrimônio e à família, pelos quais a vida humana continua o seu curso na história.

O objetivo dessa contribuição é reler, à luz da mensagem do Sl 128, alguns tópicos da Exortação Apostólica, ajudando a perceber a sua lógica interna e a relação que pode ser estabelecida entre esse Salmo, que foi escolhido não só para guiar o capítulo I, mas também os demais capítulos, pelos quais a doutrina, a moral, a pastoral e a espiritualidade

sobressaem e orientam a sociedade que se funda no matrimônio e se solidifica na família.

O presente estudo está dividido em cinco partes. Na primeira, ofereço a tradução do Sl 128 a partir da Bíblia Hebraica e da LXX (Sl 127 na tradução grega). Na segunda, apresento a organização interna e o gênero literário do Salmo. Na terceira, a partir das seções percebidas na estrutura, proponho um breve comentário exegético. Na quarta, estabeleço uma relação entre os versículos e as citações presentes no capítulo I. Na quinta, proponho uma leitura transversal, considerando certos aspectos dos demais capítulos e, quando possível, fazendo a ligação com o Sl 128. Enfim, tecerei algumas considerações finais.

1. O SALMO 128[127]

TRADUÇÃO A PARTIR DO HEBRAICO (TM)		TRADUÇÃO A PARTIR DO GREGO (LXX)
É feliz todo o que teme o Senhor,	1a	Felizes todos os que temem o Senhor,
o que anda nos caminhos dele.	1b	os que andam por seus caminhos.
Do trabalho de tuas mãos hás de comer;	2a	Comerás os frutos do trabalho de tuas mãos;
serás feliz	2b	és feliz
e será um bem para ti.	2c	e bem existirá para ti.
A tua esposa será como uma videira fecunda	3a	Tua mulher como vinha próspera,
na intimidade da tua casa;	3b	nos rincões de tua casa;
teus filhos serão como rebentos de oliveira	3c	teus filhos como renovos de oliveira
ao redor da tua mesa.	3d	ao redor de tua mesa
Eis que, assim, será abençoado um varão	4a	Olha, assim será abençoado o homem
temeroso do Senhor.		que teme o Senhor.
O Senhor te abençoe desde Sião;	5a	Que o Senhor te abençoe desde Sião,
e vê o bem de Jerusalém,	5b	e que vejas as boas coisas de Jerusalém,
todos os dias da tua vida.	5c	todos os dias de tua vida;
e vê os filhos de teus filhos.	6a	e que vejas os filhos de teus filhos.
Haja paz sobre Israel!	6b	Paz em Israel.

2. ORGANIZAÇÃO DO SALMO

O verbo “temer”, o adjetivo “temeroso” e o substantivo “Senhor” (vv. 1.4) emolduram a vida que realiza um varão: trabalho (v. 2), esposa (v. 3ab), filhos (vv. 3c.6a) e sua religiosidade (v. 5). Um dado relevante

encontra-se nas recorrências de termos: “Senhor” (vv. 1.4.5), “filhos” (vv. 3c.6a), “temer” (vv. 1.4), “abençoar” (vv. 4.5) e “ver” (vv. 5b.6a). A 2ª pessoa do singular mantém a lógica interna do Salmo, quer pelas formas verbais, quer pelos sufixos pronominais. A 3ª pessoa também ocorre: “o que teme o Senhor” (v. 1a); “dele” (v. 1b); “um varão temeroso do Senhor” (v. 4); “Sião” (v. 5a); “Jerusalém” (v. 5b); “Israel” (v. 6a).

O “caminho”, a “casa”, “ao redor da mesa”, “Sião” e “Jerusalém” são espaços pelos quais a família circula. A locução “todos os dias da tua vida” aponta para a dimensão temporal. A videira e a oliveira evocam elementos da agricultura ricos em símbolo para a fé. O “temor do Senhor”, a “bênção”, “Sião” e “Jerusalém” significam o âmbito religioso e litúrgico que qualificam a família no Salmo. Esses elementos podem ser encontrados em Lc 2,41-42, por ocasião do *bar mišwah* de Jesus adolescente no seu encontro com a Torá, pelo qual se tornava maior de idade e responsável por seus atos perante o Senhor e a sociedade (AL, n. 18; 182).

Segundo essa dinâmica interna, o Salmo pode ser subdividido em duas seções (vv. 2-3 e vv. 5-6a), precedidos por uma máxima sapiencial coletiva (v. 1), uma constatação pontual (v. 4) e um augúrio coletivo (v. 6b). Com isso, obtém-se um quiasmo, tendo ao centro o v. 4:

A: máxima sapiencial coletiva (v. 1)

B: trabalho, esposa e filhos (vv. 2-3)

C: bênção do varão temente (v. 4)

B': Sião, Jerusalém e filhos (vv. 5-6a)

A': augúrio coletivo (v. 6b).

Os vv. 1 e 4 permitem pensar que o Salmo, inicialmente, dizia respeito a uma bênção reservada para a ocasião de um matrimônio, proferida, talvez, por um sacerdote (v. 5a). O que o v. 1 introduz em forma sapiencial, declarando a felicidade de um varão piedoso, o v. 4 apresenta como fins e resultados. Com isso, a máxima sapiencial do v. 1 tem a sua confirmação na sentença do v. 4. A presença do didático e do profético, exaltando o trabalho do ser humano e a felicidade própria do lar, se percebe segundo a ótica da retribuição que promete ao justo a bênção (v. 5a; cf. Dt 11,26-28).

Ao ser inserido (v. 1a) no bloco dos *Cânticos das subidas* (Sl 120–134), o Sl 128, pelos vv. 5-6, recebeu uma nova conotação e adquiriu um

sentido mais abrangente e comunitário. Ao ser entoado pelos peregrinos que caminhavam rumo a Jerusalém, residia na mente e no coração deles o augúrio por quem ia se casar ou por quem havia pouco tinha se casado em suas famílias.

As bênçãos desejadas eram claras: trabalho, esposa fecunda, filhos e vida de fé em família. Essas bênçãos para o varão temente (v. 4), certamente, redundavam em *shalom* para todo o Israel (v. 6b). Assim ficava estabelecida a relação entre a casa do varão: trabalho, esposa e filhos (vv. 2-3), e a casa do Senhor: Sião, Jerusalém e filhos (vv. 5-6a), e a relação entre o varão que busca a bênção e o Senhor que concede a bênção.

3. BREVE COMENTÁRIO EXEGÉTICO

V. 1: O Saltério é aberto e praticamente fechado pela interjeição *Feliz* (cf. Sl 1,1; 2,12; 146,5), condição que está intimamente conexa aos passos que o ser humano deve dar na vida (cf. Sl 17,5; 40,3; 73,2). As construções: “todo o que teme o Senhor e o que anda nos caminhos dele” só ocorrem no Sl 128. A lógica, porém, está presente em outros textos. No Sl 25,12 percebe-se a relação entre o temor do Senhor e o caminho a seguir. Esse temor do Senhor deve ser ensinado e, por conseguinte, aprendido (cf. Sl 34,12). Temor do Senhor e fugir do mal são ações de quem é sábio não aos próprios olhos (cf. Pr 3,7). Por isso, quem caminha retamente teme o Senhor, mas quem se perverte erra o caminho e despreza o Senhor (cf. Pr 14,2).

A felicidade está enraizada na obediência, intrinsecamente condicionada ao temor do Senhor, que é o princípio da sabedoria (cf. Sl 111,10; Pr 1,7; 9,10). Nesse sentido, temer e obedecer ao Senhor são duas ações sinônimas e que derivam do conhecimento da sua Palavra, contemplada na locução: “caminhos dele” (cf. Dt 10,12; Sl 81,14; 95,10). Esta locução pode ser uma referência à Torá/Pentateuco, que contém a instrução capaz de orientar o que o ser humano deve praticar e o que deve evitar, respectivamente: praticar o bem e evitar o mal (cf. 2Rs 17,13; Ml 2,9). Para andar no caminho do Senhor é necessário conhecer tanto o Senhor como a sua vontade (cf. Sl 119,1-3). Nota-se que o conhecimento do Senhor determina o comportamento ético e religioso do ser humano.

Vv. 2-3: A sequência “trabalho”, “esposa” e “filhos” aponta para o que realiza um varão que teme o Senhor (vv. 1 e 4). Viver e desfrutar

do próprio trabalho traz felicidade e bem-estar ao lado da esposa e filhos (cf. Ecl 2,10.24; 3,13; 5,18; 9,9), porque dignifica o ser humano e mostra as suas habilidades capazes de transformar a terra e o que ela contém em utensílios úteis. O trabalho consente conseguir, com honestidade, o sustento para a família. Além disso, pelo trabalho, o ser humano demonstra porque é *faber* e *sapiens*.

Ao comparar a esposa com uma videira fecunda, o salmista não apenas augura o que se espera das relações (v. 3b: “na intimidade da tua casa”), mas o que realiza a mulher que almeja ser mãe e que se abre à maternidade. A imagem da videira sugere, por um lado, que a mulher fosse muito fértil e, por outro lado, aproxima-a da aliança do Senhor com o seu povo (cf. Sl 80,9-19; Is 5,1-7; Mt 21,33-41; Jo 15,1-17). Esse dado evoca a primeira bênção do Senhor ao ser humano: “frutificai e multiplicai-vos, tornai plena a terra e dominai-a” (Gn 1,28). Além disso, a fecundidade da esposa parece depender da fidelidade do esposo ao Senhor pelo temor e vivência dos seus mandamentos. E mesmo em tempos de crises e dificuldades, o trabalho, o matrimônio e a prole não devem diminuir, pois por eles se deve buscar a paz onde se habita. Nisto está a paz! (cf. Jr 29,1-7).

A evocação dos filhos “ao redor da mesa como rebentos de oliveira” aponta para a união pela qual esses se expandem em novas plantas. A imagem do crescimento é retomada do Sl 127,3-5. Agraciados pela convivência familiar, os filhos crescem capazes de receber de seus pais não somente o alimento para o corpo, mas a instrução e a educação civil e religiosa que formam a vida.

Chama a atenção o uso da videira, para a esposa, e da oliveira, para os filhos, imagens agrícolas que se tornaram símbolo da terra prometida ao povo do Senhor (cf. Gn 8,11; Dt 6,11). O vinho, fruto da videira, alegra o coração do ser humano; o azeite, fruto da oliveira, faz brilhar a sua face e o pão revigora as suas forças (cf. Sl 104,15).

V. 4: Nos bens desejados (vv. 2-3) se reconhece a bênção dada a um varão temeroso do Senhor. Existe uma relação de causa e efeito entre o que o Senhor faz – “será abençoado” – e o que o varão é: “temeroso do Senhor”. A síntese já estava na máxima do v. 1: “É feliz todo o que teme o Senhor”, porque na ação do varão há confiança (cf. Sl 91,1-2; Is 30,18). O efeito da bênção, que por sua vez causa felicidade, está na tríade: “trabalho”, “esposa fecunda” e “filhos”. Não se encontra nessa tríade uma vida de riqueza e opulência, mas de satisfação, de bem-estar e de prosperidade que acentuam a segurança que se experimenta em família.

Vv. 5-6a: A invocação “O Senhor te abençoe desde Sião!”, também presente no Sl 134,3, podia ser feita por um sacerdote no ambiente do templo de Jerusalém (cf. Nm 6,24-26; Dt 10,8; 2Cr 23,13), ou por um judeu piedoso (cf. Rt 2,4). É certo, porém, que nem o sacerdote nem o judeu piedoso são os que abençoam, mas o Senhor que habita em Sião e escolheu Jerusalém para fazer residir o seu Nome (cf. 1Rs 11,36; 23,27). Em Jerusalém está o Templo, presença do Senhor, rumo ao qual peregrina o justo com a sua família (cf. Dt 16,16-17; Lc 2,41-42).

A ligação entre o bem-estar do varão e de sua família se estabelece, se estende e se concretiza na frase: “vê o bem de Jerusalém”. Nesse bem estão condensados todos os bens que um justo espera para si, para a sua família e para o seu povo. Assim, cada pessoa se percebe intrinsecamente unida com Jerusalém, considerada mãe fecunda, geradora de filhos e filhas para o Senhor que fez dela a sua esposa e centro de profusão da sua bênção (cf. Sl 132,13-15).

A reciprocidade individual e social fica evidenciada, isto é, atesta-se que o bem-estar de cada indivíduo (v. 2c) tem a ver com o bem-estar de Jerusalém (v. 5b) e vice-versa. Por esta razão, a bênção é para “todos os dias da tua vida”, seja do indivíduo, seja de Jerusalém; bênção estendida para as futuras gerações: “Vê os filhos de teus filhos”, sinal da longevidade e coroa dos anciãos (cf. Pr 17,6). Na bênção das futuras gerações se garante a reorientação da história pautada na aliança (cf. Ez 37,24-28). A bênção é um elemento concreto na relação: “o que teme o Senhor” é quem “vê o bem de Jerusalém” e “vê os filhos de teus filhos”. Como não se vai de mãos vazias a Jerusalém, também não se sai de mãos vazias de Jerusalém (cf. Ex 23,15; 34,20; Dt 16,16; Eclo 35,1-10). Só os orgulhosos são despedidos de mãos vazias (cf. Lc 1,53).

V. 6b: A bênção individual e familiar (vv. 1-4) passa a ser compreendida na bênção coletiva, representada na cidade santa, centro espiritual do povo (vv. 5-6a). O *shalôm* querido para Israel (v. 6b), plenitude dos dons necessários à vida digna, confirma a bênção individual e que faz feliz o povo salvo e que pertence ao Senhor (cf. Dt 33,29).

A paz sobre Israel acontece na bênção derramada sobre cada família que integra a comunidade de fé (cf. Nm 6,24-27). Essa invocação final de paz do v. 6b estabelece uma profunda ligação humana entre a vida de cada família, que peregrina para Jerusalém (cf. Sl 122,6), e todos os filhos de Israel que se reúnem na sua cidade-mãe para manifestar, no temor do Senhor, a atitude social e religiosa mais eficaz para trazer e manter o povo na paz.

4. O SALMO 128 E OS NN. 8-30 DE AL

Como o Sl 128 ajuda a dar o tom adequado e a alcançar maior clareza sobre o matrimônio e a família? Que verdade deriva do Sl 128 para o bem-estar da família? Que o Sl 128 tem a ver com o mistério de amor entre Jesus Cristo e sua Igreja, paradigma para o amor esponsal e familiar?

O Sl 128 contém o valor da viva imagem de uma família entendida biblicamente, isto é, uma família concreta: trabalho, esposo, esposa, filhos e vida de fé. Apesar disso, esse Salmo não apresenta uma realidade matrimonial e familiar já constituída, mas contempla o que é necessário para que possa ser bem constituída com todas as suas implicações sociais e religiosas. É um canto nupcial que conjuga a felicidade desejada com a bênção divina concedida à família. O ser humano é representado pelos seus vínculos com o Senhor, com o trabalho de suas mãos, com a sua família e com a comunidade de fé (*AL*, n. 8).

“É feliz todo o que teme o Senhor; o que anda nos caminhos dele” (v. 1). Nesta máxima sapiencial, aplicada ao homem e à mulher, que contraem núpcias, reside a vida cotidiana, com tudo que a comporta, e a vontade do Senhor que os criou para a felicidade e os uniu física e espiritualmente para, mediante o matrimônio, formarem uma só carne (cf. Gn 2,24; Mt 19,4) e serem fecundos no amor (cf. Gn 1,28). Por esta realidade contempla-se a criação do ser humano, macho e fêmea, à imagem e semelhança de Deus (*AL*, nn. 9-10), permitindo ver no temor o amor perfeito que repele todo tipo de medo, pois na obediência a Deus e à sua vontade está o testemunho do temor que permite o ser humano viver feliz e livre de medos.

Por essa fecundidade, símbolo do amor criador e fecundo do próprio Deus (cf. Sl 127,3-5), manifesta-se que “de fato, a capacidade que o casal humano tem de gerar é o caminho por onde se desenvolve a história da salvação” (*AL*, n. 11), pela qual Deus se revela como sentido último da vida e da existência humana.

Na Exortação Apostólica, a reflexão sobre o matrimônio e a família não aparece como um tratado à parte na Sagrada Escritura, mas como desenvolvimento dessa história da salvação que alcança o seu ápice no mistério da encarnação do Filho Unigênito de Deus, pela qual não apenas o divino se fez humano, mas este se tornou divinizado. Por este mistério de união, que é totalmente doação e entrega de Deus à humanidade, reside a força que permite compreender o amor capaz de unir

e manter um homem e uma mulher em matrimônio (*AL*, nn. 12-13): a graça de Jesus Cristo (*AL*, n. 73; 307).

A natureza humana assumida pelo Verbo de Deus pode ser vista de forma nupcial. Os profetas já haviam concebido o amor de Deus pelo seu povo dessa forma, marcada, porém, por inúmeras infidelidades do povo (cf. Os 1,2-3,5; Is 1,21; Jr 2,2; 3,1-5.6-12; 11,15-17; Ez 16; 23). Contudo, o amor fiel de Jesus Cristo por sua Igreja redimensionou a vida familiar (*AL*, nn. 11; 71; 156; 292). Por isso, Paulo sublimou o amor de um homem por uma mulher no amor de Jesus Cristo por sua Igreja, amando-a e se entregando por ela (cf. Ef 5,21-33; Ap 19,7; 21,2).

A imagem da reunião familiar “ao redor da mesa” sintetiza o trabalho e seus frutos, a vida familiar e seus frutos. Esposo, esposa e filhos podem, assim, consumir o fruto do trabalho abençoado pelo Senhor. Na mesa de casa e nos alimentos, os genitores oferecem aos filhos os frutos das suas fadigas e do seu amor. Na verdade, oferecem a si mesmos em sinal de unidade para que haja unidade entre todos os membros da família e, nessa unidade, todos cresçam sempre. É um antídoto para os conflitos entre os pais, entre os filhos e entre pais e filhos.

Um grande mal, em nossos dias, é o afastamento da mesa e a ausência de refeição em família. Os horários de compromissos de pais e filhos estão cada vez mais desencontrados pela falta de unidade na busca do bem comum da família. Nota-se, igualmente, o aumento da ausência materna do lar, em razão do exercício de uma profissão por simples prazer pessoal ou para, por grande necessidade, ajudar a complementar a renda familiar. Também, “os rebentos de oliveira” já não estão ao redor da mesa. Quando materialmente estão, o apelo e apego às mídias sociais os distancia espiritualmente, colocando-os “perto de quem está longe”, mas “longe de quem está perto”.

Encontrar-se ao redor da mesa, como local privilegiado para o diálogo sobre os fatos vividos e, em particular, para a catequese dos filhos (*AL*, n. 16), torna-se um grande desafio, porque “os pais têm o dever de cumprir, com seriedade, a sua missão educativa... e os filhos são chamados a receber e praticar o mandamento: *honra o teu pai e a tua mãe*” (*AL*, n. 17). Jesus Cristo mostrou que o cumprimento do quarto mandamento não conflitava com a sua opção pela vontade de Deus (cf. Lc 2,41-52, citado em *AL*, n. 18).

Na dinâmica da Exortação Apostólica, o Sl 128 foi uma escolha muito feliz, porque a reflexão, iniciada à luz da Palavra de Deus (capítulo I), contempla o ser humano realizado em família: esposo, esposa

e filhos. Assim, as relações e dificuldades interpessoais puderam ser tratadas, bem como o trabalho que “torna possível simultaneamente o desenvolvimento da sociedade, o sustento da família e também a sua estabilidade e fecundidade” (AL, n. 24).

A escolha do Sl 128 permitiu que os textos bíblicos fundamentais sobre a criação do ser humano (cf. Gn 1,26; 2,7.15.24), sobre o matrimônio e a família pudessem ser não só citados (cerca de 100 citações bíblicas) mas contextualizados na esfera do trabalho, do matrimônio, da família e da prole, culminando com o que dignifica o ser humano: o amor de Deus, Uno e Trino, encarnado em Jesus Cristo e adorado na família de Nazaré (AL, nn. 27-30).

5. LEITURA TRANSVERSAL

O Capítulo II, sobre “A realidade e os desafios das famílias” (AL, nn. 31-57), é aberto com uma forte afirmação: “O bem da família é decisivo para o futuro do mundo e da Igreja” (AL, n. 31). Nota-se que a família é colocada entre duas realidades que, desde os primórdios do cristianismo, parecem ser distintas e estranhas: o mundo e a Igreja (cf. Jo 15,18-27), mas não o são, pois: “Deus, de fato, amou tanto o mundo que lhe deu o seu Filho unigênito, a fim de que quem nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16). O futuro dessas duas realidades, porém, depende do que estas estiverem fazendo pelo bem da família. Este bem é um termômetro eficaz para medir a presença ou a ausência do bem no mundo e na Igreja.

De que bem se está falando? Do bem material, psicológico ou espiritual? Por certo, do bem integral que corresponde ao *shalom* bíblico, como augurado no Sl 128,6. Esta paz é fruto e sinal da presença e do reinado amoroso de Deus na família, que precisa ser acompanhada, em particular, em suas fragilidades:

A presença do Senhor habita na família real e concreta, com todos os seus sofrimentos, lutas, alegrias e propósitos diários. Quando se vive em família, é difícil fingir e mentir, não podemos mostrar uma máscara. Se o amor anima esta autenticidade, o Senhor reina nela com a sua alegria e a sua paz (AL, n. 315).

Qual o papel da Palavra de Deus na implantação e no desenvolvimento do bem da família? Por não conter uma revelação abstrata ou

distante de Deus e do seu plano salvífico, a Sagrada Escritura, ou Bíblia, como normalmente é conhecida pelas pessoas, apresenta a família como a principal protagonista e alvo desse divino plano salvífico. A resposta para a pergunta aponta a Palavra de Deus como a luz necessária para que o ser humano possa alcançar a maturidade da inteligência, da vontade, da liberdade e da fé, pelas quais pode tomar as decisões de acordo com o bem, a justiça e a verdade diante de todas as situações e circunstâncias da vida.

A Sagrada Escritura contém a revelação de Deus para o ser humano. Esta, na sua vida, precisa ser percebida, assimilada, refletida e feita própria por uma opção livre. É um caminho de acesso a Deus que permite ao ser humano adquirir o conhecimento do seu plano de amor. Este encontra uma síntese nos Dez Mandamentos (*AL*, n. 17; 96; 189), dados por Deus não para restringir a liberdade, mas para proteger a vida em todas as suas fases e íntimas relações, ensinando que o amor é o que, de fato, realiza o ser humano em plenitude (*AL*, n. 62; 222).

Na criação do homem e da mulher à imagem e semelhança de Deus, com a graça de se multiplicar fecundamente (cf. Gn 1,26-28), se desenvolve a história da salvação no mundo, alcançando a sua plenitude na encarnação do Verbo de Deus (cf. Jo 1,14), que é o primogênito de toda a criação e a imagem do Deus invisível (cf. Jo 1,18; Cl 1,15). Jesus Cristo nasceu, viveu e conviveu com famílias concretas, conhecendo os seus anseios e tensões (*AL*, n. 21).

Com o olhar fixo em Jesus Cristo, a família descobre a sua vocação, tema do Capítulo III (*AL*, nn. 58-88). Em Jesus Cristo a imagem desfigurada do ser humano é refeita segundo o amoroso projeto de Deus, pois elevou a união matrimonial ao nível de sacramento. Assim, contempla-se no Sl 128 a família que se constitui aberta ao valor do trabalho e da transmissão da vida, um sacrário vivo do amor que necessita crescer e ser protegido em cada sociedade.

Que tipo de formação é necessária para se concretizar os ensinamentos contidos no Capítulo IV (*AL*, nn. 89-164), intitulado: “O amor no matrimônio”? Por certo, a doutrina se estabelece à medida que o amor se estabelece, cresce e toma conta da vida familiar. Se no Sl 128 a palavra amor não foi usada, nem por isso estava ausente. Não pode haver amor sem o temor de Deus que estabelece a sua prática e garante a sua existência concreta em família, dando sentido ao trabalho e às relações interpessoais. As fraquezas, as trevas e as patologias não são apenas obstáculos, mas também ocasiões oportunas para a manifestação

da prática cotidiana do amor que mantém a família firme diante das situações e ambientes hostis.

O Sl 128,3 atesta e exalta o amor fecundo da esposa e a casa repleta de filhos que se reúnem ao redor da mesa. Nesse ponto, o Capítulo V (*AL*, nn. 165-198) direciona a reflexão e mostra “O amor que se torna fecundo”. Amor que é vida e gerador de vida, e se alarga para uma fecundidade que não apenas procria, mas também adota, mostrando a força dos vínculos que fortificam a família humana. Essa integração familiar contempla a vida em todas as suas etapas e relações. A união, fruto do amor fecundo vivido em família, robustece as relações e ajuda a imunizar os membros contra todas as formas de egoísmo, e devolve à sociedade o sentido da vida de cada ser humano e da instituição que o gera e o protege: a família.

No Capítulo VI (*AL*, nn. 199-258), intitulado “Algumas perspectivas pastorais”, a Exortação Apostólica apresenta a missão da Igreja ante as mais diversas perplexidades, desafios e dificuldades hodiernas, quanto ao matrimônio e à família. A Igreja, consciente da sua missão evangelizadora, realiza o seu papel social dentro do projeto do reinado de Deus no mundo (cf. Mt 5,13-16). As suas ações pastorais partem do anúncio da Boa-Nova de Jesus Cristo dirigido ao ser humano. A parábola do seeador (cf. Mt 13,3-9) serve para ilustrar a missão no que diz respeito aos êxitos e fracassos na sua ação evangelizadora.

O anúncio da Boa-Nova de Jesus Cristo requer de toda a Igreja esforço e empenho para que a família se torne cada vez mais o local privilegiado para se experimentar a salvação. Nessa tarefa, a Igreja não é só formadora, mas também necessitada de formação, pois os seus membros vêm das famílias. Conforme o projeto de Deus, a família requer que a Igreja ajude eficazmente a preparar os jovens vocacionados ao matrimônio não só para celebração sacramental, mas, principalmente, que os acompanhe na sua vida matrimonial, ajudando-os a assumir o seu papel nela e na sociedade.

No Sl 128,3 encontra-se a presença dos filhos “ao redor da mesa”. Uma imagem muito sugestiva que não se restringe ao aspecto comensal, mas integra a experiência formativa, pois à mesa os membros da família se encontram para comer, mas também para relatar o seu dia e, dentro dessa dinâmica, partilhar as experiências entre os mais velhos e os mais novos. À mesa se reforça a educação dos filhos, tema do Capítulo VII (*AL*, nn. 259-290), cujo objetivo é a preparação para a vida, proporcionando aos membros da família o progresso na maturidade em vista das

ações cada vez mais livres e responsáveis. Isto exige preparação ética dos pais, sem a qual os filhos não receberão os parâmetros necessários. A família é o lugar dos hábitos bons e da luta contra os vícios. Lugar da promoção do bem e da correção dos desvios, com paciência e pedagogia. A família não deveria delegar a outras instituições o que lhe é próprio e específico como missão. Destacam-se a educação sexual e a transmissão da fé. A sociedade e a Igreja possuem um papel importante nesse processo, como auxiliadoras adjuntas das famílias.

O Capítulo VIII (*AL*, nn. 291-312), intitulado “Acompanhar, discernir e integrar a fragilidade”, reflete uma grande maturidade da Igreja sobre o que dizem as leis e as normas, e a capacidade humana de conhecê-las e colocá-las em prática. A fidelidade a Deus é muito mais abrangente que o mero cumprimento ou descumprimento de uma lei ou norma geral. Isto não significa negar o bem de uma lei ou norma geral, mas significa que a sua aplicação pode ter atenuantes no âmbito particular, e nem por isso a pessoa deixa de amar e de ser fiel a Deus. Acentua-se muito mais a moral das virtudes que a moral da lei, sem que uma exclua a outra.

A Igreja não existe para criar e executar leis, mas para fazer conhecer a verdade que liberta (cf. Jo 8,32) e se deixar conduzir pelo Espírito Santo à plenitude dessa mesma verdade salvífica (cf. Jo 16,13). Se a lei serve de parâmetro para julgar e condenar, a verdade serve para estabelecer a justiça e libertar. Nessa compreensão e prática encontram-se as bases para a lógica da misericórdia pastoral se deixar conduzir a exemplo de Jesus Cristo, que não condena, mas salva, não exclui, mas reintegra. É o exemplo de Jesus Cristo, Bom Pastor (cf. Jo 10,11), que deixa as noventa e nove ovelhas sobre o monte (cf. Mt 18,12), ou no deserto (cf. Lc 15,4), para ir ao encontro da ovelha perdida e alegra-se ao encontrá-la (cf. Mt 18,13; Lc 15,5-7). Não se busca saber por que se extraviou, simplesmente existe a alegria da reintegração no rebanho.

De forma muito feliz, o Capítulo IX (*AL*, nn. 313-325), intitulado “Espiritualidade conjugal e familiar”, faz moldura com o Capítulo I sobre o matrimônio e a família, “À luz da Palavra de Deus”. Nesta se encontra a fonte das vocações, pois, quando cada ser humano que vem a esse mundo descobre a sua identidade, como imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,26), também descobre a sua missão no projeto de Deus. Um paralelo pode ser estabelecido: assim como Deus, Uno e Trino, habita a Palavra que inspira, nela se encarna e por ela salva o mundo, de igual modo Deus inhabita o ser humano com a sua presença e a sua graça. O

Sl 128 permite perceber a ação de Deus na vida da família através da sua graça e da sua bênção.

O ser humano, quando se descobre vocacionado para a vida matrimonial, entra numa dinâmica particular do amor trinitário de seu Deus e Criador, passa a experimentar e viver a espiritualidade de comunhão: “a espiritualidade matrimonial é uma espiritualidade do vínculo habitado pelo amor divino” (AL, n. 314). É a espiritualidade encarnada na comunhão familiar que faz crescer no amor que constrói o sonho de Deus (AL, nn. 315; 321), centralizado em Jesus Cristo e na sua total doação pela vontade salvífica de Deus. “A família vive a sua espiritualidade própria, sendo ao mesmo tempo uma Igreja Doméstica e uma célula viva para transformar o mundo” (AL, n. 324). Esta espiritualidade é uma união mística. Paulo percebeu, refletiu e ensinou (cf. Ef 5,21-33).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscar os fundamentos na Sagrada Escritura, a Exortação Apostólica encoraja e indica um caminho para que os cônjuges e as famílias encontrem a felicidade e a alegria do amor que não procura o próprio interesse (cf. 1Cor 13; AL, nn. 90-119). A imagem que no Sl 128 integra a família, Sião, Jerusalém e Israel, pela sua relação com o Senhor em comunhão com os fiéis, abre-se para que o mundo e a Igreja repensem as suas relações, a fim de que a verdade sobre o ser humano, sua vocação e missão, corresponda à sua dignidade de filho de Deus. O divino e o humano agindo juntos, isto é, a graça versada encontrando a matéria disposta e cooperando com ela, permite que as dificuldades da vida e do relacionamento familiar sejam vencidas e se atinja uma felicidade fecunda em nível existencial. Nesse sentido, o Sl 128 é uma proposta concreta de bênção e de felicidade.

A Igreja deu um passo feliz e indicou um caminho pela Exortação Apostólica *Amoris Lætitia*: é preciso escutar, apreciar, acompanhar, educar e integrar as famílias. Assim, percebe-se por que o bem que o salmista desejou para a família, estendido para Jerusalém, centro de Israel, é, na verdade, um augúrio universal para que haja paz na família e no mundo. A solução dos problemas sociais, que tanto afligem as famílias, passa, necessariamente, pela revalorização e recuperação da capacidade de amar do ser humano. Nisto está a força que estimula cada família no seu compromisso com o bem, a justiça e a verdade.

Quando sentimentos, emoções e pensamentos se movem na mesma direção do amor, não há dispersão de energias. Alinhados, permitem regenerar o interior de cada pessoa e regenerar também o seu exterior relacional. Se a mentira é atraída pelo medo, o respeito atrai sempre a verdade e gera uma união cada vez mais profunda entre os sentimentos, as emoções e os pensamentos.

De Jesus Cristo saía uma força que a todos curava (cf. Mc 5,30; Lc 6,19), porque nele a frequência do amor por Deus e pela humanidade assumida direcionava essa força para salvar: cumpria a vontade de Deus e realizava a esperança humana. Então, assim se compreende e é possível praticar o novo mandamento: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 15,12).

Esta é uma razão suficiente para se viver a *Alegria do Amor* em família, no mundo e na Igreja, sem preconceitos nem divisões, mas em harmonia e em comunhão fraterna. A *Alegria do Amor*, que se vive nas famílias, enche o mundo e a Igreja de esperanças, tornando o ser humano capaz de se abrir para fomentar em si as mudanças necessárias para que triunfe o amor social que nunca exclui ninguém, porque é um perfeito sinal da presença e do Amor de Deus Uno e Trino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORTOLINI, J. *Conhecer e rezar os Salmos*: comentário popular para nossos dias. São Paulo: Paulus, 2000.
- FERNANDES, L. A.; GRENZER, M. *Dança, ó Terra!* Interpretando Salmos. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FERNANDES, L. A. *Evangelização e família*: subsídio bíblico, teológico e pastoral. São Paulo: Paulinas, 2015.
- FRANCISCO, PP. *Amoris Laetitia*: sobre o amor em família (19 de março de 2016). Disponível em: <http://m.vatican.va/content/francescomobile/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amorislaetitia.html>.
- GERSTENBERGER, E. S. *Psalms (Part 2) and Lamentations*. Michigan: Grand Rapids, 2001.
- KASPER, W. *Amoris laetitia*: rottura o ripartenza? *Il Regno* 21 (2016) 679-685.
- KRAUS, H.-J. *Los Salmos 60-150*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2014.
- LORENZIN, T. *I Salmi*. Milano: Paoline, 2001.

- PIACENTINI, B. *I Salmi*. Preghiera e poesia. Milano: Paoline, 2012.
- RAVASI, G. *Il Libro dei Salmi*: commento e attualizzazione. Brescia: EDB, 1984. v. 3. p. 101-150.
- SANTO AGOSTINHO. *Comentário aos Salmos*. São Paulo: Paulus, 1998. v. 3, p. 101-150.
- SCHAEFER, K. *Psalms*. Collegeville (Minnesota): The Liturgical Press, 2001.
- SCHIPPA, V. *Salmi. Canti delle ascensioni*. Padova: Edizioni Messaggero di Sant'Antonio, 2004. v. 4.
- STADELMANN, L. I. J. *Os Salmos da Bíblia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2015.
- WEISER, A. *Os Salmos*. São Paulo: Paulus, 1994.